



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS  
PEDAGOGIA**

**RAYANE DE SOUSA SANTOS**

**DIFICULDADES E ATUAÇÃO DOS DOCENTES NA INTERVENÇÃO  
PEDAGÓGICA DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA).**

**PALMAS - TO  
2021**

**RAYANE DE SOUSA SANTOS**

**DIFICULDADES E ATUAÇÃO DOS DOCENTES NA INTERVENÇÃO  
PEDAGÓGICA DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
UFT - Universidade Federal do Tocantins –  
Campus Universitário de Palmas – TO, na  
forma de artigo para a obtenção do título de  
Pedagogia, sob orientação da professora: Dra.  
Eliane Marques dos Santos.

**PALMAS - TO**

**2021**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

S237d Santos, Rayane .  
DIFICULDADES E ATUAÇÃO DOS DOCENTES NA INTERVENÇÃO  
PEDAGÓGICA DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA). ./  
Rayane Santos. – Palmas, TO, 2021.  
25 f.  
  
Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Palmas - Curso de Pedagogia, 2021.  
Orientadora : Eliane Marques dos Santos.  
  
1. Características do TEA . 2. Os sintomas e o diagnóstico . 3. Atuação do  
docente e a identificação dos sinais do TEA . 4. Contribuições para a prática  
pedagógica . I. Título

**CDD 370**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer  
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.  
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184  
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

**RAYANE DE SOUSA SANTOS**

**DIFICULDADES E ATUAÇÃO DOS DOCENTES NA INTERVENÇÃO  
PEDAGÓGICA DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
UFT - Universidade Federal do Tocantins –  
Campus Universitário de Palmas – TO, na  
forma de artigo para a obtenção do título de  
Pedagogia, sob orientação da professora: Dr.  
Eliane Marques dos Santos.

Data de aprovação: 02/08/2021

Banca examinadora



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Marque dos Santos (Orientadora)



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Denise de Barros Capuzzo



---

Prof.<sup>a</sup> MSc. Simone Lima de Arruda

## SUMARIO

Resumo.....	6
Abstract.....	6
Introdução.....	6
Características do TEA .....	8
Os sintomas e o diagnóstico .....	9
Atuação do docente e a identificação dos sinais do TEA .....	11
Contribuições para a prática pedagógica .....	13
Considerações finais .....	19
Referências .....	20

## RESUMO

Este artigo propõe discutir sobre as dificuldades dos docentes na intervenção com crianças do Transtorno do Espectro Autista – TEA no que se refere a ensino centralizando as análises na caracterização do transtorno, e estratégias dos professores na inclusão desses alunos no contexto escolar. O referencial teórico aqui apresentado trata do assunto de forma a buscar uma revisão bibliográfica e um estudo sobre o transtorno. Constatou-se portanto, nas análises dos autores apresentados que o debate é urgente, que apesar de avanços com marcos legais, ainda é necessário prosseguir. É preciso ir além de estudos. São necessárias mudanças incisivas no social e ambiente educacional. Neste sentido, podemos refletir também sobre os desafios enfrentados pelos professores diante do processo de inclusão de crianças com TEA.

**PALAVRAS-CHAVES:** Transtorno do Espectro Autista- TEA, Docente, Intervenção Pedagógica.

### Abstract

This article proposes to discuss the difficulties of teachers in intervention with children with Autistic Spectrum Disorder - ASD with regard to teaching, centralizing the analyzes in the characterization of the disorder, and teachers' strategies in the inclusion of these students in the school context. The theoretical framework presented here deals with the subject in order to seek a literature review and a study on the disorder. It was verified, therefore, in the analyzes of the authors presented that the debate is urgent, that despite advances in legal frameworks, it is still necessary to proceed. It is necessary to go beyond studies. Incisive changes in the social and educational environment are needed. In this sense, we can also reflect on the challenges faced by teachers in the process of including children with ASD.

**Keywords:** Autistic Spectrum Disorder - ASD, Teacher , Pedagogical Intervention.

## INTRODUÇÃO

As discussões aqui apresentadas são referentes ao processo de inclusão de crianças com transtorno do neurodesenvolvimento na sociedade e na vida escolar, aprofundadas na problemática dos desafios relacionados à busca do diagnóstico em relação ao Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Num passado não muito distante, cerca de aproximadamente meia década, essas crianças que não se enquadravam em uma imagem que a sociedade impõe, que não alcançavam as metas impostas diante da convivência, socialização e aprendizagem, viviam separadas da vida social e educacional, a inclusão não era um assunto de prioridade no país (FINK, 2018). Portanto, o que se propõe neste estudo, é identificar as dificuldades encontradas por professores tanto na busca pelo diagnóstico, quanto pelas estratégias a serem trabalhadas para a inclusão dessas crianças no convívio em sociedade.

Dentro de uma sociedade que padroniza comportamentos como a nossa, deve-se observar com relevância, o número que vem crescendo de acordo com as necessidades que a própria sociedade impõe, é responsável pelo aumento no número de diagnóstico de TEA, e no

ambiente escolar baseado em competências e habilidades a serem desenvolvidas por esses estudantes, porque a “[...] a escola constrói concepções estereotipadas a respeito do desenvolvimento das crianças, principalmente, daquelas que não acompanham os métodos de alfabetização propostos pelo sistema educacional, ou não se adequam ao cotidiano escolar” (SILVA, 2020, p.41).

Atualmente, conforme Praça (2011) a reclusão da vida social de crianças com TEA vem diminuindo, esse fator dar-se-á a partir da inclusão dessas crianças com o transtorno nas formas de viver em sociedade, e um ambiente potente para essa socialização acontece por meio da escola.

De acordo com Cunha (2009, p.19), o TEA, pode ser descoberto nos primeiros anos de vida, tem origens desconhecidas, mas com grandes fatores genéticos. Segundo Teixeira (2016) é possível identificar sinais do autismo ainda nos primeiros meses de vida de uma criança, através da correspondência de estímulos. A identificação precoce da patologia é fundamental para a realização de intervenções, oferecendo assim uma janela de oportunidades que poderá auxiliar o autista a minimizar diversos sintomas. No entanto, qualquer diagnóstico, quer que seja a patologia, de alguma forma, causa impactos nos familiares, levando-os a ter dificuldades na aceitação ou até mesmo na busca por profissionais capacitados, tardando o diagnóstico e o tratamento, para vida escolar, e outros espaços.

Portanto, o diagnóstico para a escola, não se resume em apenas detectar o problema do aluno, ele vai além, irá possibilitar que a instituição possa criar estratégias de intervenção pedagógica para contribuir com o desenvolvimento dos indivíduos. Por isso, torna-se necessário o diagnóstico do aluno ainda na primeira infância.

Nos últimos anos, questões relativas ao diagnóstico e tratamentos sobre o TEA, conquistaram espaço no campo da pesquisa e dominaram o cenário da educação, apresentando para a sociedade, os avanços em forma de análises, reflexões e intervenções de muitos estudiosos da área, que apesar de ser uma área de domínio médico “[...] a emergência de pesquisas no âmbito da inclusão escolar permite a construção de formas de pensar o processo de escolarização que superam modelos exclusivamente médicos de olhar a diferença” (WUO, 2019, p.210).

De acordo com (GADIA, 2006 apud ONZI; GOMES, 2015. 189) “O autismo é definido como um transtorno complexo do desenvolvimento, do ponto de vista comportamental, com diferentes etiologias que se manifesta em graus de gravidade variados”.

É importante destacar que a etimologia da palavra “Autismo” vem do grego *autos* e significa *si mesmo*; conforme estudos de Filho (2010), esta terminologia foi utilizada a primeira

vez pelo psiquiatra, Eugen Bleuler, em 1911, para caracterizar a perda de contato com a realidade. Contudo, apenas no ano de 1943, Léo Kanner, um médico, escreveu clinicamente sobre esse transtorno.

As pesquisas sobre o assunto tratam de vários aspectos, todavia, aprofundam especialmente nas características de pessoas com autismo. Deste modo, Léo Kanner, observou e consultou várias crianças, para só então, publicar seu trabalho intitulado: “Os transtornos autistas do contato afetivo” em 1943<sup>1</sup> (KARNER, 1943 apud SANTOS; DINIZ; MASCARENHAS 2017, p.1866). A partir dessas observações, pôde descobrir vários aspectos como: as relações sociais e afetivas, a comunicação e linguagem, a relação com as mudanças no ambiente e na rotina, a memória do indivíduo e a hipersensibilidade a estímulos (BRASIL, 2013).

Nesse sentido, Santos (2008) ressalva que a:

Hipersensibilidade a determinados sons; [...] pode ter aversão ao contato físico, têm tendência para o isolamento; [...] podem andar na ponta dos pés descalços; às vezes, gostam de girar objetos, é comum serem inquietos ou terem comportamentos estranhos; podem ter interesse limitado e alguns têm habilidades especiais (SANTOS, 2008, p. 20-21).

Com o passar dos anos, houve a necessidade de distinguir autismo e doenças mentais, quando em 1980 na terceira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, introduziu a expressão Transtorno Global do Desenvolvimento -TGD (DIAS, 2017).

Sendo assim, o presente artigo apresenta a identificação das dificuldades encontradas pelos profissionais ao lidar com pessoas com TEA, com ênfase na atuação dos professores, e sua contribuição por meio da prática profissional sobre a temática.

## **CARACTERÍSTICAS DO TEA**

O conceito da palavra autismo destaca que o TEA se caracteriza através do desenvolvimento atípico na interação social, na comunicação e pela presença de um repertório marcante de atividades e interesses de acordo com (CAMARGO; BOSA, 2009).

Schmidt (2013, p. 13), descreve algumas características da criança com TEA, ou seja, “[...] o TEA é definido como um distúrbio do desenvolvimento neurológico que deve estar presente desde a infância, apresentando déficit nas dimensões sociocomunicativa e comportamental”. Destacando que o TEA se caracteriza por ser “[...] um conjunto de sintomas

---

<sup>1</sup> Léo Kanner, foi um psiquiatra austríaco naturalizado norte-americano, pioneiro ao observar crianças internadas com comportamentos diferentes de tantos outros relatados na literatura psiquiátrica existente à época e o primeiro a publicar trabalho sobre o assunto. KARNER, 1943 apud SANTOS; DINIZ; MASCARENHAS 2017, p.1866)



que afeta as áreas da socialização, comunicação e do comportamento”, afetando mais a área da interação social (SILVA; et al, 2015, p.6). Portanto, uma das principais características do TEA é a falta de interesse com o social, ou seja, por causa da sua dificuldade em interpretar sinais e símbolos torna-se limitada a comunicação verbal e não verbal, gerando uma grande falta de interesse por parte das pessoas com o transtorno em determinados assuntos.

A dificuldade de socialização com essas pessoas que tem o TEA é relativamente restrita, tornando qualquer lugar, como algo ameaçador, causando um grande desconforto. Como relatado anteriormente, seja qual for o nível diagnosticado, o encontra dificuldade em se comunicação e interagir.

Neste sentido, a criança autista dos seus dois anos de idade até os cinco anos, “[...] é indiferente aos estímulos externos que sobrevêm a ela [...]” (ORRÚ, 2009, p. 33) É uma criança que:

[...] age com indiferença em relação às pessoas, quando contrariada ou não compreendida, pode autoagredir-se, como também pode ficar horas observando algo que lhe chame a atenção, e perplexa diante de alta sonoridade ou, ainda, irritada ao menor ruído (Ibidem 2009, p. 33).

## OS SINTOMAS E O DIAGNÓSTICO

Os diagnósticos de TEA atualmente são classificados em três níveis de gravidade, conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) os níveis são: 1- autismo leve, 2- autismo moderado e 3-autismo severo (MORAL; et al, 2017), sendo assim, é imprescindível a urgência no início de um tratamento que seja de acordo com a sua necessidade. Cabe ressaltar que ainda não existe um tratamento específico, porém no âmbito educacional existem propostas pedagógicas que possibilitam o desenvolvimento dessas crianças, podemos citar algumas obras, “[...] Pesquisas desenvolvidas por Lord (2001); Nilsson (2003) e Attwood (2006), Gikovate (2009) apresentam uma série de estratégias que permitem promover a aprendizagem e a socialização da criança com autismo” (FIGUEIREDDO, COSTA, DIAS, 2018, p.12).

Tanto no processo do diagnóstico quanto no tratamento é necessário acompanhamento de várias categorias profissionais, dentre eles o professor que na maioria das vezes passa mais tempo com a criança do que os próprios familiares. Os profissionais da educação ainda intervêm com propostas pedagógicas que auxiliam no desenvolvimento da criança com autismo, por isso o seu auxílio é fundamental no desenvolvimento de pessoas autistas.

Portanto, “[...] O autismo é caracterizado pelos desvios qualitativos de comprometimento dos três grupos do tripé, tais como interação, comunicação e uso imaginário,

estando presente desde os primeiros anos de vida das crianças.” (LOCATELLI, SANTOS, 2016, p.207). Desta forma compreendemos que o autista independentemente do um nível diagnosticado, possui uma grande dificuldade na comunicação, interação social e até mesmo comportamental. É importante destacar que algumas pessoas com TEA possuem habilidades especiais, como: artísticas, facilidades em resolução de problemas, entre outras.

De acordo com Aguiar (2009) o Questionário de Verificação do autismo (ASQ)<sup>2</sup>, através desse instrumento, pode-se observar os primeiros sintomas dos alunos com TEA, ou seja, nesse caso pode ser observado pelo seus pais desde dos primeiros anos de idade. Salienta-se, que além dos pais os profissionais da área podem obter um diagnóstico mais preciso próximo aos 3anos de idade. Entretanto, os pais, familiares ou cuidadores se tornam um canal importante de comunicação e até mesmo de informação para que possam ajudar os profissionais a construir o diagnóstico, pois qualquer detalhe da vida do cotidiano é necessário para conhecer com profundidade o aluno observado.

Assim, Silva (2012), destaca que os profissionais investiguem a criança com TEA de maneira prudente, sendo assim, é a partir desse ponto que os profissionais cada um em sua especificidade e visão ampla, passam a desenvolver sessões em que serão trabalhadas com as crianças, pois “[...] cada criança tem maior ou menor facilidade com alguma área [...]” E os profissionais devem avançar em outras etapas de desenvolvimento, na medida em que a criança for tendo evolução. (Silva, 2012, p.157)

Em termos de legislações para pessoas com deficiência (PcD), houve um grande avanço, que se apresenta desde a Constituição Federal, trazendo a educação como um direito de todos, até as leis e políticas específicas para a educação. Entretanto, apesar do aumento de diagnósticos e de avanço na legislação referente ao direito educacional, especialistas e pesquisadores da área se mobilizaram para buscar as causas do autismo, porém, “[...] sem respostas conclusivas o que mais temos percebido é o crescente reconhecimento sobre a importância dos métodos de intervenção precoce e o início da socialização em ambiente escolar.” (BENINI, 2016, p.28)

Nessa ótica a Constituição Federal de 1988 marca um avanço na relação de direitos educacionais para as pessoas em geral, e claro que engloba as pessoas com TEA. De acordo com os artigos 205 e 206 relativos à educação:

---

<sup>2</sup> O Social Communication Questionnaire (SCQ) ou Questionário de Comunicação Social, anteriormente chamado de Autism Screening Questionnaire (ASQ) ou Questionário de Rastreamento do Autismo foi desenvolvido por Rutter e Lord e é formado por uma seleção de 40 perguntas respondidas pelo principal cuidador de crianças a partir de 4 anos. Acesso em: <https://www.ama.org.br/site/autismo/escalas/>

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino

VII - garantia de padrão de qualidade. (BRASIL, 2016, p.123)

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no capítulo que aborda a educação especial, é referido:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou super-dotação.

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular. (BRASIL, 2017, p.3940)

Conforme a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) no que se refere a educação inclusiva descreve no Art. 27. Que a:

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. (BRASIL, 2015 p.19)

Neste sentido, apesar das orientações referentes ao diagnóstico, ter leis que norteiam e embasam as ações com pessoas com TEA, conforme Camargo (et al., 2020) ainda temos vários outros desafios a serem enfrentados, haja vista que os tratamentos, intervenções, modos de lidar e até as formas de diagnóstico estão em constante evolução.

## **ATUAÇÃO DO DOCENTE E A IDENTIFICAÇÃO DOS SINAIS DO TEA**

O papel da escola frente ao TEA conforme Bruno (2013), refere que existe apenas um tipo de escola, e que essa escola deve se adaptar de forma que possa lidar com toda e qualquer diferença, seja em capacidade ou em ritmo de aprendizagem.

A forma de ensinar a criança deve ser preparada para lidar com a diversidade existente em sala de aula, para acolher todas as manifestações de transtornos que surgem neste ambiente. De acordo com Mantoan (2007), mudar a escola é uma árdua empreitada que exige colocar a

aprendizagem como base, pois ela foi constituída para que todos aprendam, para garantir tempo e condições em que todos possam aprender de acordo com suas peculiaridades, assegurando o Atendimento Educacional Especializado, preferencialmente na própria escola comum da rede regular, instituindo espaços de comunicação, colaboração, solidariedade entre todos da comunidade escolar, e claro, incitando, valorizando, capacitando continuamente o professor, que é o responsável fundamental da aprendizagem dos alunos.

Todavia, os profissionais da educação enfrentam vários entraves para inserir métodos e programas, pois a instituição precisa se adequar também, assim, ambos poderão promover uma verdadeira inserção e desenvolvimento escolar para a criança autista.

Conforme os estudos de Brito (2017), acredita-se que a convivência das crianças autistas na escola, proporcionando o contato delas com outras crianças ditas “típicas” possa oportunizar ao aluno com TEA contatos sociais, interações, amplitude de sociedade, e favorecer o desenvolvimento não só dos autistas, mas das outras crianças, pois assim essas crianças vão conviver e aprender com as diferenças. No entanto, conhecer os diferentes modos de agir, olhar para o mundo de outra forma, facilita nossa convivência, e assim nos condiciona a buscar novas formas de lidar com o novo. Entretanto, esse convívio com a diferença deve ser um esforço coletivo: família, escola, poder público e comunidade, todos juntos contribuindo nesse processo de inclusão.

Para Camargo e Bosa (2009) ao realizarem um estudo com objetivos de mostrar o relacionamento entre professores de escola comum e de 12 alunos com autismo de segunda e terceira anos, eles relatam que o acolhimento, e a aceitação de forma positiva por parte dos professores com esses estudantes melhoraram os problemas de comportamento deles, e ajudou para uma melhor socialização na sala de aula. Essa postura é uma forma de enfrentar a ausência ou as dificuldades apresentadas pelo diagnóstico de TEA.

Seguindo essa lógica, para que aconteça uma mediação educativa é necessário que o educador conheça os aspectos do transtorno, além dos métodos e programas para desenvolver e auxiliar na educação da criança autista. O professor é fundamental para que aconteça uma inclusão satisfatória, e tranquila na instituição.

De acordo com Barbosa (2013) o professor é um agente facilitador e mediador dos processos de ensino-aprendizagem, tem um papel determinante, pois é ele que recebe e faz o primeiro contato com a criança, portanto um dos responsáveis pela inclusão desse aluno na escola. Com a prática, os professores vão aprendendo a lidar com os alunos com TEA e com as dificuldades da ausência e/ou constatação do diagnóstico, porém, mesmo diante dessas barreiras,

é fundamental uma formação do docente para apoiar essa prática, na medida que, o despreparo para lidar com esses alunos, bem como para ensiná-los é gritante.

A partir da análise realizada sobre o artigo de Pimentel e Fernandes (2014) observa-se que os professores veem a escola apenas como um veículo para socialização, e que acreditam interferir pouco no desenvolvimento das crianças com TEA, principalmente no que diz respeito à aprendizagem e o desenvolvimento neuropsicomotor, reconhecem que não tem habilidades desenvolvidas, tampouco bagagem para lidar com alunos com tal diagnóstico.

Segundo a percepção dos professores Pimentel e Fernandes (2014) as escolas de maneira geral, não tem estrutura adequada para lidar com o desenvolvimento escolar, social, cultural e emocional do aluno autista, e desta forma, os profissionais da educação enfrentam vários obstáculos para inserir métodos e programas, fazendo com que a instituição se adeque as necessidades de cada aluno.

De acordo com Goffman (1974), os vínculos que unem o indivíduo a entidades de ensino trazem obrigações aos seus conveniados, tais como: trabalho a ser realizado; serviço a ser cumprido; tempo ou dinheiro gastos; além de exigir do mesmo que se sinta participante; identificado e que desenvolva ligação emocional. Assim funciona entre a escola e o estudante autista, é necessário que haja a construção do vínculo assim como com qualquer criança, é preciso que ele se sinta pertencente, que consiga desenvolver atividades, e interagir com as outras pessoas para o desenvolvimento do aprendizado, mesmo dentro das suas limitações.

Por fim, o ensino aprendizado de crianças com TEA, é resultado concreto do processo positivo de inclusão, e devido a isso, cabe enfatizar, que a inclusão ela acontece de diversas maneiras, não somente garantindo a inserção desses alunos na escola, todavia, deve-se propiciar através da adaptação do conteúdo, do planejamento curricular, da atuação do professor, bem como outros trabalhadores da educação, uma plena integração desse aluno no ambiente escolar, no qual, ele possa ter uma aprendizagem ativa, uma participação junta com os seus colegas, para que então, a inclusão seja de fato efetiva.

## **CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA**

A prática pedagógica acontece quando entende-se e intervêm na peculiaridade de cada aluno, e para que ela seja feita com inclusão, é necessário que o professor tenha conhecimento, que esteja disposto a mudar de prática e postura perante o aluno com alguma necessidade especial, conforme Mantoan (2006, p.19) explana: “[...] uma escola inclusiva que propõem um modo de organização educacional que considera as necessidades de todos os

alunos”, evidenciando que não somente o professor, mas toda a escola tem que participar desse processo.

Desta forma, é preciso que o professor se atente a cada aluno, independentemente de qualquer laudo, para que assim, ele possa organizar e direcionar sua prática de modo que abarque todos os estudantes, porém cada um na sua especificidade, haja vista que cada aluno tem características próprias, sejam elas de natureza social, cultural, emocional e cognitiva, portanto, conhecer cada habilidade deles é importante para que o docente possa em suas atividades, motivar, desenvolvendo assim o processo de ensino e aprendizagem (SILVA; et al, 2015).

Em face ao exposto, têm-se a necessidade de abordar as contribuições relacionadas ao conteúdo para a prática pedagógica a partir das literaturas estudadas. Deste modo, a discussão sobre inserção e práticas inclusivas de pessoas com TEA no ambiente escolar, estão atualmente sendo discutidas e construídas em âmbitos acadêmicos, escolares e eventos científicos, em que profissionais apresentam suas pesquisas, estudos e intervenções vislumbrando soluções para os entraves que dificultam ou até mesmo impedem o processo de inclusão, ensino e aprendizagem (MAGALHÃES; et al, 2017). Compreende-se assim:

[...] prática pedagógica é uma prática docente na perspectiva das especificidades e necessidades da educação infantil devem ser organizadas de forma que desenvolvam suas capacidades expressivas e instrumentais do movimento de observação e identificação de imagem de comunicação sobre o meio ambiente, de conceitos aritméticos e espaciais que levem à construção da identidade das crianças por meio de práticas diversificadas realizadas em situações de interação pedagógica. (LIMA; et al, 2006, p.6)

Deste modo, o professor deve adequar o instrumento pedagógico desde a sua alfabetização, para que o aluno já consiga se introduzir no processo desde os anos iniciais. O docente nesta seara precisa ter um olhar mais atencioso as crianças com TEA, pois, de acordo com Mattos e Nuerberg (2011) os estudantes com o transtorno podem apresentar irritabilidade por não conseguir interagir, compreender, expressar, dificultando assim a sua comunicação.

Assim, algumas estratégias são utilizadas na atuação docente, como citado anteriormente adaptar o seu currículo de forma que alcance as crianças com TEA. Corroborando com os estudos de Silva et al. (2015), crianças com o tal diagnóstico, em geral têm uma boa memória visual, assim ela sugere que o professor use de recursos visuais para que facilite a compreensão do aluno sobre o conteúdo, destaca que esses recursos podem ser:

Podendo fazer uso de fotografias da turma em diversos momentos como: roda de história, atividade de compreensão da escrita, hora de lavar as mãos, hora do lanche,

ir ao banheiro, hora da brincadeira, hora de ir para casa, entre outras atividades. Essa prática aliada a uma organização de rotina visual poderá diminuir consideravelmente a ansiedade e favorecer a comunicação com a pessoa com TEA. O professor poderá também utilizar jogos com imagens, cartões com gravuras para estimular a compressão de sequência lógica, facilitando a comunicação e desenvolvimento tanto dos estudantes que apresentam dificuldade na fala quanto os que são oralizados. (SILVA; et al, 2015, p.9)

Isto posto, compreendendo a importância de elementos visuais para os autistas no processo de aprendizagem, outro fator imprescindível é proporcionar esse estudante com TEA um espaço de reconhecimento enquanto sujeito social, e isto também pode e deve ser trabalhado no ambiente escolar, e a escrita pode ser uma técnica de intervenção, “[...] a escrita do nome próprio traz o interesse pelo conhecimento da escrita das letras, pois o valor afetivo, cultural e social que ele carrega facilita a compreensão [...]” (RUSSO, 2013 apud PINHO, 2018, p. 82)

Outro recurso que pode ser utilizado pelos docentes para com as crianças com TEA, são as Tecnologias Assistivas (TA), conforme Silva et al (2015) essa estratégia consegue alcançar aspectos físicos e mentais dos estudantes, pois auxilia na comunicação, participação e autonomia dessas crianças nas atividades da escola, adaptando os conteúdos para uso de recurso tecnológicos. Ou podemos dizer, nas palavras de Bersch (2006, p.89) “[...] É encontrar uma estratégia para que ele possa ‘fazer’ de outro jeito.

Destarte, as intervenções de cunho terapêuticas e de educação escolar são de considerável importância para as pessoas com TEA, e não só pra elas, mas para os familiares também, “[...] pois poderão ajudar a desenvolver interesses e competências que permitam até mesmo a independência na vida adulta em alguns casos (BRITO, 2017, p.17).

Um dos instrumentos que pode ser utilizados como estratégia de intervenção para o desenvolvimento de aprendizagem de pessoas com TEA é a Escala de Desenvolvimento do *Psychoeducational Profile-Revised*– PEP-R, ele se configura como um mecanismo de medir o desenvolvimento de crianças com autismo. Por meio dela é possível avaliar o atraso nas “[...] sete áreas na Escala de Desenvolvimento: imitação, percepção, coordenação motora fina, coordenação motora grossa, integração olho mão, desenvolvimento cognitivo e cognitivo verbal, além de uma medida global do desenvolvimento em Pontuação do Desenvolvimento.” (GOMES; SILVEIRA, 2016, p.19)

O quadro a seguir é uma adaptação de outras estratégias que podem ser utilizadas na abordagem de pessoas com autismo dentro da escola, considerando que a criança aprende por meio das suas experiências e vivências, Brito (2017):

<b>Adaptações para o contexto escolar</b>
O uso de recursos comunicativos pode facilitar o processamento da informação e conseqüentemente a resposta e aprendizagem da criança, como por exemplo, empregue frases objetivas e curtas, evitar uso de muitas metáforas, palavras e expressões de duplo sentido.
Aproveite os momentos de maior atenção da criança para conversar com ela, usando palavras simples e frases curtas.
Ajude a criança a compreender as brincadeiras sempre explicando antecipadamente o que vai acontecer com frases curtas e diretas (com objetivos explícitos).
Quando fizer uma pergunta ou disser algo para a criança tenha paciência, aguarde e permita que a criança pense (tenha um tempo maior para processar a informação) antes de responder.
Incentive a criança a chamar outras pessoas pelo nome. Por exemplo: a professora e os amiguinhos mais próximos.
Quando a criança ou adulto com TEA apresentar a chamada ecolalia (repetição da fala de outras pessoas, falas de desenhos e propagandas da televisão ou internet), buscar compreender a intenção comunicativa relacionada à ecolalia e atribuir significado a ela.
Contextos estruturados e previsibilidade auxiliam bastante, por exemplo, em relação às atividades escolares e festividades, pode-se sempre antecipar os acontecimentos em sala de aula, a hora do recreio, mudança de professores, passeios escolares e festas.
O uso de recursos visuais também é sistematicamente destacado quando o assunto é intervenção nos TEA. A utilização de recursos visuais como desenhos, figuras, fotografias, vídeos ou objetos concretos associados ao aspecto que se pretende desenvolver ou à atividade planejada, pode ajudar na compreensão e interesse de criança se adultos com TEA.
Podem ser aproveitadas as situações do cotidiano como o momento do banho do banho, da alimentação, de vestir-se, assistir TV, no brincar, no passeio, para dizer o nome e as funções dos brinquedos, objetos, partes do corpo.
Busque oportunidades para elogiar a criança. Ensine e elogie formas adequadas de se comunicar, compartilhar, esperar, etc.
Faça pedidos que você sabe que a criança pode realizar para promover situações em que ela é “bem-sucedida”. Você pode dividir as tarefas e atribuições em partes e passos menores, ou peça para a criança fazer somente uma parte da tarefa, como por exemplo: guardar uma peça de cada vez. Busque elogiar quando a criança atender as solicitações.
Use interesses específicos e preferências da criança para incentivar habilidades e talentos. Você pode usar também o interesse restrito para se aproximar da criança ou para despertar o interesse em assuntos que ela a princípio ela não se interessa.
O uso de recursos de tecnologia com computadores, tablets, celulares, aplicativos, kits de robótica e robôs humanoides despertam o interesse de muitas crianças com TEA. Habilidades comunicativas, sociais e acadêmicas podem ser promovidas com recursos tecnológicos.



A leitura de histórias pode ser também bastante incentivadora para alguns. O tipo de material e como conduzir a situação dependerá dos interesses e habilidades da criança. Por exemplo, começar livros que contenham muitas imagens grandes, coloridas e histórias curtas.
O uso de jogos, brincadeiras e atividades que incentivam a atenção compartilhada e simbolização são muito importantes. Você pode usar bonecos, e outros brinquedos para dar banho, fazer “comidinha”, dividir o lanche, passeio e imitar outras situações do cotidiano.
Brincadeiras simples com bolinhas de sabão e cócegas podem proporcionar situações muito importantes em relação ao contato visual, atenção compartilhada e habilidades sociais.
Faça atividades motoras que também incentivem o compartilhamento das situações como jogo de boliche, basquete, futebol, jogar bola um para o outro ou jogar para o alto e pegar, sempre mostrando como essas situações podem ser prazerosas.
Você pode usar fantasias, capas e chapéus de personagens de desenhos ou filmes que a criança goste para compartilhar situações prazerosas.
Se a criança ou adulto com TEA apresentar comportamentos considerados agressivos como quebrar objetos, bater em outras pessoas ou si mesmo, analise o que ocorre antes e após esta situação e busque formas de modificar o ambiente e as situações em que ocorre o comportamento considerado inadequado.
Muitas pessoas com TEA apresentam alguma particularidade sensorial em diferentes graus. Algumas crianças são muito sensíveis quanto à recepção de informações sensoriais. Por exemplo: grande incomodo com sons muito intensos (estímulo auditivo) ou não toleram a sensação da etiqueta em suas camisetas (estímulo tátil).
Promova situações que incentivem a convivência com outras crianças ou pessoas da mesma faixa etária. Na escola a criança pode sentar-se próxima ao professor e ao lado de outras crianças “comunicativas” que auxiliem na interação social. Sempre propiciar situações de trabalho em grupo, observando como a criança se comporta e sempre buscando favorecer a interação dele com os outros alunos.

BRIITO (2017), adaptado pela pesquisadora

Enquanto pedagoga, no exercício da prática, ao trabalhar com crianças com alguma especificidade, e neste caso nos limitamos ao assunto abordado neste estudo, que é o Transtorno do Espectro Autista, será usado como alternativa a adaptação à necessidade de aprendizado de cada estudante, e isto será feito através de um currículo pedagógico inclusivo, com atividades que possam alcançar a todas as peculiaridades da turma a lecionar.

Outra medida a ser utilizada é o constante estímulo à integração nas tarefas, socialização da criança com os outros estudantes, e com a comunidade escolar, a participação em atividades diversificadas, usando de artifícios tecnológicos, coloridos, com texturas, e que chamam atenção delas, “[...] pois de nada adiante saber montar um quebra cabeça complexo e não brincar com outras crianças ou decorar falas de um desenho animado, mas não manter diálogo com outras pessoas” (GOMES, 2016, p.131)

Será uma medida de intervenção, a constante avaliação de desenvolvimento

baseada nas competências e habilidades de cada um, ressaltando o que cada aluno tem de melhor, e buscando instigar e trabalhar nas suas dificuldades, sempre com tentativas, com mudanças e com adaptações conforme cada estudante se sentir mais confortável, e com o andar evolutivo individual e coletivo.

Outra estratégia a ser abordada, será a associação, associação de conteúdos acadêmicos com a vivência da criança, e desta forma estaremos trabalhando com o princípio da contextualização, “É neste âmbito que a contextualização do ensino toma forma e relevância no ensino de ciências, já que se propõe a situar e relacionar os conteúdos escolares a diferentes contextos de sua produção, apropriação e utilização” (KATO, KAWASAKI, 2011, p.36), para que assim, ela possa através do seu cotidiano estar em constante aprendizado através das associações em tarefas do dia-a-dia, atividades que ela possa em qualquer espaço conseguir associar a vivência ao conteúdo estudado.

Dentre essas propostas de associação, poderá ser utilizada como exemplo uma atividade diferenciada e significativa que envolve várias matérias, como matemática, ciências, história, trazendo em questão a interdisciplinaridade, esta entendida como:

[...] Interdisciplinaridade é a integração de dois ou mais componentes curriculares na construção do conhecimento. A interdisciplinaridade surge como uma das respostas à necessidade e processo necessário devido à fragmentação dos conhecimentos ocorrido com a revolução industrial e a necessidade de mão de obra especializada. (Souza, 2008 apud SANTOS, 2010, p.21)

Deste modo, podemos dizer que umas das adequações curriculares que poderão ser realizadas é a o uso do calendário diariamente. Com o uso do calendário (fazendo marcações diárias com o passar dos dias), os alunos poderão ter noções de sequência numéricas (do 1 ao 30/31), noções de divisão (365 dias dividido em 12 meses, ou 12 meses divididos em 4/5 semanas, e estas semanas cada uma com 7 dias), além de orientações acerca das fases da Lua, das estações do ano e sobre as datas comemorativas.



Portanto considera-se que o uso do calendário pode vir a despertar várias áreas do conhecimento cognitivas da criança, como raciocínio, lógica, memória, organização e até mesmo fortalecer o comprometimento com atividades de casa (previamente agendadas no calendário), enfim, este é um método que pode contribuir no desenvolvimento da aprendizagem da criança.

Desta maneira, sabe-se que são muitos obstáculos frente a inclusão de alunos com TEA na escola, e mais, esses entraves perpassam pelas qualificações dos professores que são profissionais envolvidos diretamente no processo de aprendizado desses estudantes, e sua prática pedagógica é o caminho que levará os conteúdos, que poderá proporcionar meios de interação por meio das metodologias de aprendizado usando vários recursos para que aconteça esse processo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esse estudo abordando vários aspectos sobre o Transtorno do Espectro Autista de crianças que estão adentrando o ambiente escolar, foi necessário que abordasse algumas temáticas inerentes ao assunto principal. Assim, após ter pincelado sobre os sintomas, diagnóstico, características e especificidades entre menino e meninas com TEA, abordou-se também as dificuldades sobre a atuação dos docentes e algumas contribuições para a prática pedagógicas desses professores. E como uma criança igual a todas as outras em seus direitos garantidos via Constituição Federal, Estatuto da Criança e do Adolescente, a educação é um

direito para esses estudantes autistas, previsto pela LBD e regulamentado pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

Cabe salientar que o transtorno em si, não deve ser um fator limitador para a inclusão escolar de crianças com TEA, é necessário que neste meio os educadores possam desenvolver sua prática pedagógica direcionada para a contribuição do aprendizado do aluno, e mais, a escola é um importante e essencial meio social para essas crianças. E este é, portanto, um desafio não só dos educadores, mas é uma barreira dos pais e responsáveis também, muitos com o intuito de proteção, ou impedidos de certa forma, acabam negligenciando essa introdução da criança na escola.

Os desafios perante o TEA são muitos, e, na escola, eles se evidenciam. São muitas as limitações vivenciadas nesse contexto, a falta de preparo dos docentes, a falta de recursos pedagógicos para serem utilizados nas aulas. Todavia, é preciso ousar nas estratégias de intervenções na medida que a inserção dessas crianças no processo favorece em seu desenvolvimento físico, mental, cultural e social.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vinicius. **Introdução a algumas escalas de avaliação relacionadas ao espectro do autismo**. 2009. Disponível em: < <https://www.ama.org.br/site/autismo/escalas/> > Acesso em: 15 de Jun de 2021

ALVES, Letícia Eleutério; MONTEIRO, Bruno Massayuki Makimoto; SOUZA, José Carlos. Comparação da classificação dos transtornos do desenvolvimento infantil por meio do DSM-5, CID-10 e CID-11. In: **Research, Society and Development**, v. 9, n. 10, e6579109058, 2020. Acesso em: 16 de Jun de 2021.

BARBOSA, Amanda Magalhães [et al. O papel do professor frente à inclusão de crianças com autismo. In: **XI Congresso Nacional de Educação – EDUCERE 2013**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Curitiba. Disponível em: <[https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7969\\_6165.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7969_6165.pdf)> Acesso em: 03 de Mai de 2021

BELISÁRIO FILHO, José Ferreira. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento**. Brasília, Ministério da Educação, 2010.

BENINI, Wiviane. Incluir e Ensinar: os desafios e possibilidades na inclusão da pessoa com autismo na escola comum. In: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: Produções didático-pedagógicas. **Cadernos PDE**. v.2. 2016. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_pdp\\_ped\\_unioeste\\_wivianebenini.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_ped_unioeste_wivianebenini.pdf)> Acesso em: 16 de Jun de 2021.

BERSCH, Rita; SCHIRMER, Carolina. Tecnologia assistiva e educação inclusiva. p. 89-94. In: **Ensaios pedagógicos** - construindo escolas inclusivas: 1. ed. Brasília: MEC, SEESP, 2005. 180 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ensaiospedagogicos.pdf>> Acesso em: 29 de Abr. 2021

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. 496 p. Disponível em: <[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf)> Acesso em: 02 de Mai. 2021

\_\_\_\_\_. **Linha de Cuidado para a Atenção Integral às Pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo e suas Famílias no Sistema Único de Saúde**. Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: <[http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/arquivos\\_comunicacao/autismo\\_cp.pdf](http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/arquivos_comunicacao/autismo_cp.pdf)> Acesso em: 02 de Mai. 2021

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p. Disponível em: <[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_1ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf)> Acesso em: 02 de Mai. 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**: promulgada em 6 de julho de 2015 / obra coletiva de autoria do Ministério Público do Trabalho, Procuradoria Regional do Trabalho da 17ª Região, PCDLegal. - Vitória: Procuradoria Regional do Trabalho da 17ª Região, 2016. 60 p. Disponível em: <[http://www.pcdlegal.com.br/lbi/wp-content/themes/pcdlegal/media/downloads/lei\\_brasileira\\_de\\_inclusao.pdf](http://www.pcdlegal.com.br/lbi/wp-content/themes/pcdlegal/media/downloads/lei_brasileira_de_inclusao.pdf)> Acesso em: 02 de Mai. 2021.

BRITO, Maria Claudia. **Estratégias práticas de intervenção nos transtornos do espectro do autismo**. E-book Saber Autismo, 2017.

BRUNO, Marilda Moraes Garcia. A inclusão educacional de pessoas com deficiência: limites e desafios para a cultura escolar. In: **Aprendizagem, comportamento e emoções na infância e adolescência**: uma visão transdisciplinar / organização: Elisabete CastelonKonkiewitz – Dourados-MS: Ed. UFGD, 2013. 312p. Disponível em: <<http://cienciasecognicao.org/neuroemdebate/wp-content/uploads/2015/08/aprendizagemcomportamento-e-emocoes-na-infancia-e-adolescente-uma-visao-transdisciplinar-elisabetecastelon-konkiewitz-org.pdf>> Acesso em: 03 de Abr. 2021

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. In: **Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre: 2009. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010271822009000100008](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822009000100008)> Acesso em: 29 de Abr. 2021

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; et al. Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. In: Educação em Revista|Belo Horizonte|v.36|e214220|2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/6vvZKMSMczy9w5fDqfN65hd/?lang=pt&format=pdf> > Acesso em: 15 de Jun de 2020.

COELHO, Mayara Santos. **Autismo: 40 dias para agir em família.** 2018. Disponível em: <[https://academiadoautismo.com.br/autismo\\_40\\_dicas\\_para\\_agir\\_em\\_familia3.pdf](https://academiadoautismo.com.br/autismo_40_dicas_para_agir_em_familia3.pdf) > Acesso em 16 de Jun de 2021.

CUNHA, Eugenio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família.** Rio Janeiro: Wak ED. ,2009.

DIAS, Camila Cristina Vasconcelos. **Mães de crianças autistas: sobrecarga do cuidador e representações sociais sobre o autismo.** João Pessoa, 2017. Dissertação de mestrado. 172f. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9081/2/arquivototal.pdf>> Acesso em: 02 de Mai. 2021

FÁVERO, Maria ÂNGELA Bravo; SANTOS, Manoel Antônio dos. Autismo Infantil e Estresse Familiar: Uma Revisão Sistêmica da Literatura. In: **Psicologia Reflexão e Crítica**, 2005, 18 (3), pp. 358-369. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a10v18n3>> Acesso em: 03 de Mai. 2021

FIGUEIREDO, Joelma Pinheiro; COSTA, Juliana Pereira, DIAS, Synthia Lopes. **Autismo e inclusão escolar: um olhar para as práticas pedagógicas.** (TCC) Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra, ES, 2018. Disponível em: <<https://dspace.doctum.edu.br/bitstream/123456789/1345/1/AUTISMO%20E%20INCLUS%203%83O%20ESCOLAR%20UM%20OLHAR%20PARA%20AS%20PR%20C3%81TICAS%20PEDAG%20C3%93GICAS.pdf> > Acesso em: 16 de Jun de 2021.

FINK, Isabel Cristina. **Autismo e educação: possibilidades e estratégias de inclusão.** Monografia. Rio Grande do Sul, 2018.

GOFFMAN. **Manicômios, prisões e conventos.** Editora Perspectiva, São Paulo, 1974.

GOMES, Camila Graciella Santos; SILVEIRA, Analice Dutra. **Ensino de habilidades básicas para pessoas com autismo: manual para intervenção comportamental intensiva;** ilustração, Daniel Augusto Ferreira e Santos. – 1. ed. – Curitiba: Appris, 2016. 215 p.

KATO, Danilo Seithi; KAWASAKI, Clarice Sumi. As concepções de contextualização do ensino em documentos curriculares oficiais e de professores de ciências. In: **Ciência & Educação**, v. 17, n. 1, p. 35-50, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/zD3FMD88P9qxpdxQMrHRh9w/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em: 15 de Jun de 2021.

LIMA, Rita Carla, [et al]. A prática docente do professor da educação infantil: contribuições para o desenvolvimento das crianças. In: **Curriculum**, São Paulo, v.8 n.1 abril 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/9032>> Acesso em: 29 de Abr. 2021

MAGALHÃES, Célia de Jesus Silva [et al]. Práticas inclusivas de alunos com TEA: principais dificuldades na voz do professor e mediador. In: **RPGE – Revista online de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v.21, n. esp.2, p. 1031-1047, nov. 2017. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewiNx->

[Os8aPwAhWPIbkGHcmHCKQQFjACegQIBBAD&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.fclar.unesp.br%2Frpge%2Farticle%2Fdownload%2F10386%2F6961%2F29970&usg=AOvVaw03HnLJ32YtArD78gru4hRb](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewiNx-Os8aPwAhWPIbkGHcmHCKQQFjACegQIBBAD&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.fclar.unesp.br%2Frpge%2Farticle%2Fdownload%2F10386%2F6961%2F29970&usg=AOvVaw03HnLJ32YtArD78gru4hRb)> Acesso em: 29 de Abr. 2021

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Igualdade e diferenças na escola: como andar no fio da navalha. In: **Inclusão Escolar: Pontos e contrapontos**. Summus Editorial. São Paulo. 2007.

\_\_\_\_\_. **Inclusão: o que é? Por quê? Como fazer?** 2ed. São Paulo. Moderna, 2006 (Cotidiano escolar).

MATTOS, Laura Kemp de; NUERNBERG, Adriano Henrique. Reflexões sobre a inclusão escolar de uma criança com diagnóstico de autismo na educação infantil. In: **Revista Educação Especial**. V.24, n.39, jan./abr. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/1989/1720>> Acesso em: 29 de Abr. 2021

MORAL, Adriana [et al]. **Entendendo o autismo**. Projeto contemplado no 3º EDITAL SANTANDER/USP/FUSP de Direitos Fundamentais e Políticas Públicas – 2017. Disponível em: <<https://www.iag.usp.br/~eder/autismo/Cartilha-Autismo-final.pdf>> Acesso em: 02 de Mai. 2021.

ONZI, Franciele Zanella; GOMES, Roberta de Figueiredo. Transtorno do espectro autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. In: **Caderno pedagógico**, Lajeado, v. 12, n. 3, p. 188-199, 2015.

ORRÚ, Silvia Ester. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2009.

PIMENTEL, Ana Gabriela Lopes; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. **A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo**. Revista Audiology – Communication Research. Vol. 19, 2014, p. 171-178.

PINHO, Mariana Campos. **Contribuições do uso de atividades lúdicas em sala de aula, para o desenvolvimento e aprendizagem de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma intervenção no contexto escolar**. Dissertação (Mestrado) — Programa de PósGraduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2018. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/4379/1/Mariana%20Campos%20Pinho.pdf>> Acesso em: 29 de Abr. 2021

PINTO, RayssaNaftaly Muniz [et al] Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. In: **Rev Gaúcha Enferm**. 2016 set;37(3):e61572. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rgenf/v37n3/0102-6933-rgenf-1983-144720160361572.pdf>> Acesso em: 03 de Mai. 2021

PRAÇA, Élica Tamara Prata de Oliveira. **Uma reflexão acerca da inclusão de aluno autista no ensino regular**. Universidade Federal de Juiz de Fora Instituto de Ciências Exatas

PósGraduação em Educação Matemática Mestrado Profissional em Educação Matemática. Abril, 2011, 140p. Disponível em: <  
<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/Xchrj5dRf6gWzH7bvsZ8gKM/?format=pdf&lang=pt>  
<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/3042/1/elidatamarapratadeoliveirapraca.pdf> > Acesso em: 16 de Jun de 2021.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano Dos. **Autismo: Desafio na Alfabetização e no Convívio Escolar**. CRDA, SÃO PAULO, 2008.

SANTOS, Maria Selma dos. **A interdisciplinariedade na educação infantil**. Monografia (Pós Graduação em Psicopedagogia com Ênfase em Educação Infantil). Mato Grosso, 2010.

SANTOS, Marcos Pastana; DINIZ, Cládice Nóbile; FERNANDES, Edicléa Mascarenhas. Acessibilidade informacional para usuários com transtorno de espectro autista na biblioteca. In: **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação** – v. 13, n. esp. CBBDD 2017.

LOCATELLI, Paula Borges; SANTOS, Mariana Fernandes Ramos dos. Autismo: Propostas de Intervenção. In: **Revista Transformar**. Nº 8, 2016. Disponível em: <  
<http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/63/59> > Acesso em: 16 de Jun de 2021

SCHMIDT, Carlo. Autismo, educação e transdisciplinaridade. In: SCHMIDT, C (org) **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Papirus, 2013

SILVA. Ana Beatriz Barbosa. **Mundo Singular** - Entenda o Autismo, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012.

SILVA, Cleonice Aparecida da. [et al] **Práticas pedagógicas inclusivas com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil**. TCC elaborado e apresentado em 2015.2. UFPE. Disponível em:  
 <<https://www.ufpe.br/documents/39399/2405255/SILVA%3B+SILVA%3B+ASFORA++2015.2.pdf/491d6719-5141-442b-8856-59aaabda37c#:~:text=O%20m%C3%A9todo%20TEACCH%20%C3%A9%20atualmente,crian%C3%A7as%20em%20distintas%20situa%C3%A7%C3%B5es%2C%20a>> Acesso em: 29 de Abr. 2021

SILVA, Hanna Moitinho Freire Queiroz da. **Inclusão de uma criança com transtorno do espectro autista (TEA) na escola regular**: interlocução entre a escola e a clínica. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2020. Disponível em: <  
<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/32406/1/Disserta%20c3%a7%20de%20Mestrado%20Hanna%20Moitinho%20Freire%20Queiroz%20da%20Silva.pdf> > Acesso em: 16 de Jun de 2021

SPROVIERI, M. ASSUMPÇÃO JR, F.B. Dinâmica familiar de crianças autistas. In: **Arquivos da Neuropsiquiatria**, São Paulo, vol. 59(2-A): p. 230-237, 2001.



SUPLINO, Marise. **Currículo funcional natural**: guia prático para educação na área do autismo e deficiência mental. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Maceió: ASSISTA, 2005.

TAMANAHÁ, Ana Carina. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger. In: **RevSocBrasFonoaudiol**. 2008;13(3):296-9. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rsbf/v13n3/a15v13n3>> Acesso em: 02 de Mai. 2021

TEIXEIRA, G. **Manual do Autismo**. 2. Ed. – Rio de Janeiro: Best Seller, 2016.

WUO, Andrea Soares. Educação de pessoas com transtorno do espectro do autismo: estado do conhecimento em teses e dissertações nas regiões Sul e Sudeste do Brasil (2008-2016). In: **Saúde Soc**. São Paulo, v.28, n.3, p.210-223, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/Xchrj5dRf6gWzH7bvsZ8gKM/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em: 16 de Jun de 2021.